

GAZETA DE SERGIPE: “GAZETA COMBATIVA”? (1959-1968)

GAZETA DE SERGIPE": ¿GACETA DE COMBATE?

Carla Darlem Silva dos Reis⁵¹

Resumo: Os jornais sergipanos exerceram uma forte influência no que diz respeito ao aprofundamento nas questões sociais e políticas e a *Gazeta de Sergipe* foi o principal periódico sergipano no período de 1950-2000. Intitulava-se de jornal “combativo”, por conta de seu posicionamento político. Entretanto, após o Golpe Civil-Militar de 1964, o posicionamento do impresso é modificado, passando de combativo a combatido. Esse artigo visa compreender a posição política desse jornal antes e após o golpe, estudando as diferenças e continuidades de sua ideologia, além disso, busca perceber a maneira com a qual o AI-5 e os censores influenciaram na vida dos jornalistas que formavam a redação desse meio de comunicação, tendo como recorte temporal o ano de 1959-1968.

Palavras-chave: Política, Golpe Civil-Militar, Sergipe.

Resumen: Los periódicos sergipanos ejercieron una gran influencia en lo que respecta a la profundización de los problemas sociales y políticos la *Gazeta de Sergipe*, fue el principal periódico en el período 1950-2000. Se llamaba el periódico "combativo", a causa de su posición política. Sin embargo, después del golpe cívico-militar de 1964, la posición de la forma se modifica, a partir luchado combativa. En este artículo se busca entender la posición política de este diario antes y después del golpe de Estado, el estudio de las diferencias y continuidades de su ideología, por otra parte, trata de comprender la forma en que el AI-5 y censores influido en la vida de los periodistas que formaban la sala de redacción del medio comunicación, con el marco de tiempo del año 1959-1968.

Palabras-clave: Política, Golpe de Estado cívico-militar, Sergipe.

INTRODUÇÃO

A mídia, em suas diversas formas, tem o poder de criar e modificar impressões existentes sobre determinado assunto. Quando um Estado muda seu caráter de democrático para ditatorial uma das primeiras providências tomadas é o controle dos meios de comunicação. Em 1964, cerca de quatro jornais circulavam em Sergipe, entre eles a *Folha Popular* e a *Gazeta de Sergipe (GS)*, jornais avaliados como progressistas e de esquerda, destes apenas o GS continua circulando após o golpe, mas tendo todas as suas matérias passadas pelo crivo da censura.

Poucos são os estudos sergipanos que contemplam a história de periódicos estaduais e do período aqui trabalhado. A maioria dos trabalhos que abordam jornais são meramente compilatórios, e não

⁵¹ Mestranda em História da Universidade Federal de Sergipe. Bolsista Capes Demanda Social.

se preocupam com a análise do cotidiano do jornal ou o viés político seguido pelos periódicos. Com o intuito de contribuir para a história da Imprensa em Sergipe, e sobretudo, entender de que modo ocorreu a repressão à imprensa sergipana nos anos de 1964 a 1969 é que essa pesquisa foi desenvolvida.

A *Gazeta de Sergipe (GS)* foi um jornal importante para a sociedade sergipana, sendo o único a circular, ininterruptamente, por quase cinco décadas. O jornal se auto intitulava “Combativo” e defensor de uma política “mais justa”, entretanto, ao analisarmos a história de vida e o posicionamento ideológico do proprietário do periódico, vemos que não se tratava de um órgão “extremamente combativo”, como proposto. Todavia, não é raro encontrar nas edições da GS denúncias contra os escândalos políticos e econômicos dos anos em que o periódico funcionou. Para entendermos por quais motivos a GS tornou-se esse ícone do jornalismo sergipano temos que analisar a sua história e seu envolvimento nos meandros políticos. O proprietário, Orlando Dantas, era partidário do Partido Socialista Brasileiro e por esse motivo apoiou as Reformas de Base durante o governo de João Goulart e até o início de 1964 se dizia contrário à tomada do poder pelos militares, entretanto, após 01 de abril daquele ano, essa posição é redefinida.

Nesse artigo nos propomos a analisar até que ponto Orlando Dantas e o seu jornal fizeram oposição ao Regime Militar e a maneira com a qual se portaram diante desse momento político. Para isso, foram analisadas as edições publicadas do jornal, bem como depoimentos de ex-jornalistas.

ORLANDO DANTAS E O NASCIMENTO DA GAZETA.

Filho de um usineiro e político, Manoel Côrrea Dantas, Orlando Dantas nasceu na cidade de Capela, em Sergipe, no ano de 1900. Na adolescência foi estudar engenharia em Pernambuco, mas ao segundo ano de curso desistiu e optou por estudar Sociologia, entretanto, também não chegou a concluir o curso. De acordo com Paulo Brandão⁵², Orlando Dantas ao voltar para Sergipe tornou-se diretor de um banco pequeno, mas não passou muito tempo nessa atividade, envolvendo-se logo com a vida jornalística e desenvolvendo seu tino político.

As informações obtidas sobre Orlando Dantas são cristalizadas, mostrando-o como um homem inquieto e tratado com carinho pelos funcionários. Sendo capaz de permear por diversos meandros, desse modo envolveu-se com o jornalismo desde cedo sendo colaborador de diversos jornais como *Diário da Manhã*, *Correio de Sergipe* e *O Nordeste*. Após contribuir com diversos periódicos decide, em 1948, ter o seu próprio jornal que passa por diversas nomeações até ser chamado de *Gazeta de Sergipe*.

⁵² Ex-jornalista da GS e neto do fundador do jornal, Paulo Dantas Brandão concedeu entrevista à autora em 16/03/2012

De acordo com Luiz Antônio Barreto⁵³, Orlando Dantas “era um homem contraditório por ser usineiro, empresário, rico e ter ideias socialistas”, tornando-o uma figura extremamente interessante e admirada por muitos. Todavia, o socialismo defendido por Orlando Dantas era aquele defendido pelo Partido Socialista Brasileiro, não um socialismo conforme Marx e Engels. De acordo com Luiz Dário (1989), era um partido socialista não marxista e suas ideologias o aproximavam muito mais do Partido Trabalhista Inglês do que propriamente dos partidos socialistas.

Em Sergipe, a imagem de Orlando Dantas é mostrada por alguns cientistas políticos e historiadores de uma maneira cristalizada, uma vez que esses homens que falam sobre o jornalista e político o fazem a partir do mesmo local de onde esse falava: das elites. Em depoimento ao cientista político Ibarê Dantas, João Teixeira, jornalista e colaborador da *Gazeta*, define Orlando Dantas no cenário sergipano como sendo:

um homem que apesar de suas origens ligadas a atividade agro-industrial-canvieira, [...], sempre procurou buscar uma visão social mais ampla e transformou o seu jornal num celeiro de lideranças. (DANTAS, 1997: 43)

Por mais dúvidas que haja sobre esse vanguardismo e por seu espírito de “Bom-samaritano”, não podemos negar que Orlando Dantas foi uma figura importante na vida política sergipana até a década de 1960. Participou da fundação do PSB (Partido Socialista Brasileiro) juntamente com Leandro Maciel - que mais tarde se tornaria seu inimigo político. De acordo com o jornalista e advogado Paulo Brandão, Orlando Dantas e Leandro Maciel romperam no trato político na década de 1950 por desentendimentos ideológicos. Os embates feitos através do jornal fizeram com que ambos rompessem também no plano afetivo.

Utilizou-se do jornal como um mecanismo para ter pulso político e dar voz ao seu partido:

em 1955 ele retorna [ao cenário político] ele tinha que ter sua voz, ele aí era líder do partido socialista, um partido pequeno repleto de intelectuais com pouco peso eleitoral, é, ele não tinha um, ele era uma pessoa relativamente bem de vida, mas não tinha recursos pra bancar, não tinha recursos de estado pra bancar campanhas eleitorais e um partido, então ele liderava o partido com alguns intelectuais, gente bem nova naquela época, tinha José Borges de Oliveira Neto, Antonio Garcia, tinha algumas figuras de destaque no interior, por exemplo, em Maruim tinha um médico Dr. Leitão, tinha algumas figuras extremamente importantes àquela época e aí o que ocorre é que ele resolve fundar o jornal ligado ao partido socialista. (Paulo Brandão, em entrevista concedida em 17/03/2012).

⁵³ Ex-jornalista e diretor do jornal. Concedeu entrevista à autora em 16/03/2012, vindo a falecer em 17/04/2012. Representava um ícone na história e intelectualidade sergipana.

Os opositores da GS, a exemplo do *Correio de Aracaju* (CA), criticavam em alguns momentos o usineiro e jornalista. Um exemplo disso é uma nota publicada em 11 de março de 1964, na qual o CA no texto intitulado “Política” Bancária na Coluna Tópicos afirma que:

A ação perigosa do socialista Orlando Dantas no governo estadual – tem dito os situacionistas – é mera coincidência. Nós, que fazemos a oposição em bases francas e desprovidas de qualquer ranço de personalismo, entendemos, porém, que o Gazeteiro-Mór é responsável direto por uma centena de malandragens que se tem praticado por conta do “reformismo dorista”, tão cheio de mazelas pessedistas e dos oportunistas do PR. (*Correio de Aracaju*, 11 de março de 1964: 3)

O seu posicionamento político ficou claro ao longo dos anos em que esteve à frente da GS, pois como bem definiu João Teixeira o periódico de seu Orlando foi um celeiro de ideias políticas e serviu de alicerce para diversas lideranças serem eleitas, inclusive Seixas Dória, que foi eleito – de acordo com Paulo Brandão – por um esquema definido como “Esquema para eleger Seixas Dória”.

Em 1927 ao ser eleito presidente do Estado, Manoel Côrrea Dantas – pai de Orlando Dantas -, funda a *Gazeta de Sergipe* como um meio de sustentação de seu governo, levando Orlando Dantas a perceber o poder manipulador que a imprensa pode exercer, de modo que, em 1948 o jornal aparece como órgão oficial do Partido Socialista Brasileiro (PSB) em Sergipe, dando-se assim, a primeira fase da *Gazeta*.

A segunda fase do jornal tem início em 13 de janeiro de 1956 e intitulava-se *Gazeta Socialista*. De acordo com Flávia Martins e Joana Cortês (2003), o jornal “ressurgiu apenas sob o comando de Orlando Dantas. A sede se localizava na rua São Vicente, 84, sala 6, - hoje rua Florentino Menezes – bairro Centro”.

Ao retomar suas atividades jornalísticas, Orlando Dantas escreve o editorial da 1ª edição de 13 de janeiro de 1956, intitulado ‘Novos Rumos’, explicitando as intenções do novo veículo de informação sergipano:

A *Gazeta Socialista* reaparece como um programa de ação amplo, não obstante ser um jornal partidário. Sem faccionismos, proporcionará ao público sergipano um noticiário abundante, imparcial e completo, trazendo assim, os seus leitores informados do que se passa em todos os setores da vida social, política, econômica e financeira do Estado [...] Será um jornal que espera em Deus pelas suas críticas judiciosas, pela justeza dos seus conceitos e, sobretudo, pela firmeza de suas atitudes de reformas econômicas-sociais e das liberdades asseguradas pela nossa Carta Magna. Politicamente, repudia qualquer espécie de “ditadura”, de direita ou de esquerda, como também os movimentos golpistas, supostamente salvadores e em nome de uma democracia que mais representa o reino de Calibam, dos endinheirados, da mediocridade baseada na astúcia e que fazem mais

descrever-se das virtudes da democracia do que mesma na sua capacidade de realizar o bem público. (*Gazeta Socialista*, 13 de janeiro de 1956; 1ª Edição).

Diversos eram os temas tratados pelo periódico. Dentre as colunas encontradas temos: “A vida da cidade”, “Noticiário Internacional”, “Noticiário Político” (mais tarde Panorama político), “Gazeta nos Esportes”, “A vida nos municípios”, “Forenses”, “Coluna Sindical”, “Variações em Fá Sustenido”, “Economia e Finanças”. As edições do jornal oscilavam com quatro ou seis laudas e algumas chegaram a ter até oito laudas.

Os temas, em sua maioria, versavam sobre política trazendo entrevista com deputados, a exemplo de Seixas Dória e vez ou outra, alfinetando a situação da administração pública, que naquele momento era o governador Leandro Maciel. Em editorial de 11 de fevereiro de 1956 critica o primeiro ano de governo de Maciel.

Em entrevista concedida às jornalistas Flávia Martins e Joana Cortês no trabalho intitulado *Memórias empoeiradas da Gazeta de Sergipe* (2003), o jornalista João Oliva Alves recorda-se da coluna que assinava, bem como a coluna assinada por Ariosvaldo Figueiredo:

‘Ariosvaldo Figueiredo fazia a coluna editorial Papel Carbono, enquanto eu escrevia uma outra, chamada Buraco da Fechadura. Ele chamava atenção para dados quase filosóficos, numa espécie de dialética romântica. Já a minha coluna tratava especificamente de denúncias. Era como se a gente procurasse penetrar nas coisas que se passavam por trás dos gabinetes de políticos, administradores e empresários, como se a gente tivesse com o olho no buraco da fechadura.’ (2003: 6)

O jornal se dizia um órgão combativo⁵⁴ indispondo-se com a UDN devido às suas denúncias corriqueiras sobre atentados políticos e corrupção. Constantemente enfrentava o governo de Leandro Maciel e definia-o como sendo “personalístico, cartorial e demagógico”, pela forma com que procurava às massas trabalhadoras. Afirmando assim que, “por essas razões o temos combatido e continuaremos sem sombras de dúvida” (*Gazeta Socialista*, 23/07/1957: 3).

Embora fosse um jornal importante no âmbito político, não diferia dos outros periódicos encontrados em Sergipe nesse momento no que diz respeito às técnicas e amarras políticas. No entanto,

⁵⁴ De acordo com o dicionário Michaelis, combater significa a ação do combate, contra algo. Conceituamos a *Gazeta* como um órgão combativo na medida em que ousa e se predispõe a criticar de forma severa os governantes da situação, buscando provas para incriminá-los. O modo com o qual faziam a política do jornal nos dá a deixa para classificá-lo como um órgão combativo.

Orlando Dantas percebe que para tornar-se precursor da imprensa sergipana esse quadro deveria mudar, desse modo em 12 de junho de 1958 dá o primeiro passo ao modificar o nome do jornal de *Gazeta Socialista* para *Gazeta de Sergipe*, justificando a mudança no editorial da edição nº274:

A direção de 'Gazeta Socialista' comunica aos seus leitores, assinantes e anunciantes, a mudança de nome deste órgão para 'Gazeta de Sergipe', a partir da próxima edição, tendo em vista acabar a confusão que muitas pessoas fazem, atribuindo a propriedade de 'Gazeta Socialista' ao PSB, secção de Sergipe, em virtude do nome do jornal e das ligações políticas e ideológicas existentes entre o Sr. Orlando Dantas, nosso Diretor Proprietário e aquele partido, do qual é seu Presidente em nosso Estado. Cumpre advertir aos leitores de que a mudança do nome não implica de forma alguma, na mudança de orientação ideológica, pois 'Gazeta de Sergipe' continuará batendo-se pelos mesmos ideais. (Gazeta Socialista, 12 de junho de 1958; Edição nº274: 2).

Outros motivos para a mudança é apontada por João Oliva, segundo ele “estava havendo uma oposição muito grande no comércio e na indústria para dar publicidade a um jornal chamado socialista, um termo que dava muito medo porque cheirava a comunismo, Orlando viu que, se não fizesse a mudança do nome, iria fracassar”⁵⁵. Coincidência ou não, mas ao ter o nome modificado a GS passa a ter um maior número de propagandas no jornal, o que nos leva a pensar que isso se deve à inserção política da nova Razão Social, e em consequência o aumento do público leitor.

O projeto de consolidação da GS como um veículo de informação iniciou-se ainda em 1956 quando o jornal passou de semanal – em janeiro -, para circular duas vezes por semana em setembro do mesmo ano. Em 1958 quando passa a se chamar *Gazeta de Sergipe* o jornal chegava às ruas às terças, quintas e sábados. A GS passa a funcionar na avenida Rio Branco, 310 – Fundos: salas 2A e 3A – bairro Centro, em prédio que pertencia ao Dr. Augusto Leite.

As pretensões do jornalista, no entanto, estavam além da circulação do periódico três vezes por semana, sendo assim inicia campanha para incentivar assinaturas ao veículo de informação para poder transformá-lo em um matutino diário. Paulo Brandão explica que isso acontece porque:

ele resolve empresariar o jornal, transformá-lo em uma empresa, transforma-o em uma S.A, o que pra época era um negócio extremamente inovador ele cria a empresa *Gazeta de Sergipe S.A.* e lança ações. Então, a *Gazeta* tinha duzentos e tanto, quase trezentos acionistas [...] todos os amigos conhecidos, donos de banco, compram ações. Era uma das empresas de Sergipe que mais tinha acionistas, obviamente ele tinha maioria, ele compra, começa a comprar os equipamentos, na época ele compra o linotipo, hoje é peça de museu, mas na época era inovador para aqui. (Entrevista à autora, em 17/03/2012)

⁵⁵ Entrevista concedida às jornalistas Flávia Martins e Joana Cortês no Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, *Memórias empoeiradas da Gazeta de Sergipe* apresentado ao Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Sergipe de 2003, sob orientação do Prof. Dr. Cristiano Leal de Barros Lima.

Dessa forma, em fevereiro de 1959 anuncia à sociedade sergipana a inovação trazida à imprensa de Sergipe:

Ao Público. A partir de 1º de março próximo este órgão passará a circular diariamente, de maneira regular, concretizando, assim, um velho sonho da imprensa sergipana. Procurando melhor servir ao povo da nossa terra, esperando contar com a colaboração e o incentivo de todos (*Gazeta de Sergipe*, 26 de fevereiro de 1959: 2).

Para funcionar diariamente e consolidar a GS era necessário um esforço sobre-humano, pois as condições técnicas eram insuficientes, além de ter um quadro de jornalistas que não era fixo, situação apontada por ex-jornalistas. Para conseguir distribuir o periódico e mantê-lo funcionando diariamente, foi necessário o regime de 24 horas de trabalho, entrando-se às 8 horas da noite e saindo às 8 horas da manhã. Após adquirir uma clichéria elétrica, o formato do jornal é modificado, passa de quatro para seis laudas, além disso a produção poderia se dar a qualquer horário, pois por ser uma máquina elétrica independia da luz solar, diferente da clichéria manual.

A *Gazeta de Sergipe* é um dos expoentes necessários para que possamos compreender as transformações socioeconômicas do Estado de Sergipe nas décadas de 1950 e 1960, pois a GS desempenhou bem a função de um meio de comunicação combativo, principalmente no que diz respeito à luta pelo desenvolvimento econômico do estado e os combates contra a corrupção. De acordo com Ibarê Dantas (1997), a *Gazeta de Sergipe* nas suas duas fases foi “o jornal mais influente e temido da sociedade sergipana” (1997:142), principalmente por ser um local onde se tramavam jogos políticos. Alguns políticos da UDN, por exemplo, foram duramente criticados e tiveram sua imagem comprometida devido às denúncias lançadas pela GS. Um desses políticos foi o governador Leandro Maciel (1955-1959), sendo apontado como um mau governo tanto nos editoriais, quanto em manchetes.

O “ESQUEMA” PARA ELEGER SEIXAS DÓRIA E AS ELEIÇÕES DE 1962

O cargo ocupado por Seixas Dória na administração pública deu-lhe visibilidade para a vida política, sendo em seguida convidado a compor o quadro da União Democrática Nacional, partido pelo qual foi eleito duas vezes enquanto Deputado Federal, sendo também líder do partido na câmara nos dois mandatos⁵⁶.

⁵⁶ O primeiro mandato de 1947-1950 e o segundo de 1954-1958.

Além de cumprir o cargo de Deputado, coordenou a campanha nacional de Jânio Quadros fortalecendo-se ainda mais politicamente. Quando Jânio renuncia, a candidatura de Dória para governador parece estar ameaçada, pois a UDN indicava apenas os nomes de Luiz Garcia e Leandro Maciel, no entanto Dória não se calou e decidiu, juntamente com outros companheiros de partido articular uma chapa alternativa apoiada pelo PSD, PTB e PR.

Como já citado anteriormente, devido à ausência dos jornais de 1962 não podemos observar a maneira com a qual se deu o desenrolar do processo eleitoral em Sergipe, mas sabemos que se iniciou em 1961 e teve a *Gazeta de Sergipe* como um fomentador da candidatura Doriana.

De acordo com os ex-jornalistas entrevistados montou-se na redação da GS um verdadeiro “esquema” para derrubar Leandro Maciel, também candidato nas eleições de 1962, e eleger Seixas Dória, que embora pertencesse inicialmente à UDN, fazia parte da ala mais da esquerda, denominada Bossa Nova da UDN ou ainda cisão de esquerda da União Democrática, a comprovação desse fato se dá através da matéria de 31 de outubro de 1961, intitulada *A candidatura de Seixas Dória e a entrevista de Leandro*, na qual alegava-se que:

Quando, no princípio do ano, **a GAZETA DE SERGIPE, comentou a possibilidade da formação de um esquema partidário para lançamento da candidatura SEIXAS DÓRIA** [...] houve uma movimentação dentro da UDN leandrista no sentido de apressar o lançamento do nome do senhor Leandro Maciel. [...] **SEIXAS DÓRIA se projetava como um dos líderes do governo janista, com prestígio nacional.** Esta evidência o colocava em situação privilegiada, reunindo dois fatores importantes [...] atendendo ao forte anseio do povo sergipano: um, a Confiança que inspirava às forças de oposição; outro as grandes possibilidades de carrear para Sergipe os benefícios de que tanto carece para a solução urgente de graves problemas. [...] **Logo o povo sentiu o desejo de conciliação em torno de um homem que reunia as melhores condições para realizar um Governo de paz e prosperidade em benefício de todos os sergipanos.** (*Gazeta de Sergipe*, 31 de outubro de 1961: 2 – grifos nosso).

A campanha era construída inicialmente de uma maneira sutil, apresentando entrevistas cedidas por Seixas Dória, mostrando seus ideais nacionalistas e enaltecendo-o. Comitês de apoio à Dória surgiam a todo o momento. Muitos líderes – fossem estudantis, de sindicatos, ou de outras classes – também prestavam a sua solidariedade ao novo candidato. Ainda em 1961 Heribaldo Vieira, à época senador, afirmou que “a candidatura do Deputado Seixas Dória, traz uma mensagem de paz à família sergipana” (*Gazeta de Sergipe*, 29 de dezembro de 1961:1).

Além disso, havia manchetes afirmando a vitória de Dória, um exemplo é a chamada de 30 de setembro de 1961 intitulada *Sucessão em fase decisiva: Seixas Dória hoje em Aracaju*. No editorial de 31

de dezembro de 1961, intitulado: *Perspectivas de 1962*, a figura de Seixas Dória é exaltada e tida como certa para vencer as eleições:

Sergipe, denso populacionalmente, torturado pelo subdesenvolvimento econômico, pelas injustiças sociais, econômicas e políticas, já traçou os seus rumos, suas diretrizes para conquista da paz e da prosperidade. **Na figura de um jovem ilustre, inteligente e patriota, sinceramente empenhado em contribuir com sua eleição para um clima de ordem e trabalho**, Seixas Dória, que soube firmar-se nacionalmente pelo caráter e decisão, irá receber os sufrágios da grande maioria do povo, elegendo-se governador do Estado. (*Gazeta de Sergipe*, 31 de dezembro de 1961:2 – grifo nosso).

As propostas de governo de Dória eram apoiadas nos mesmos pilares das reformas de base do governo João Goulart, tendo como principais prerrogativas o combate à miséria e o incentivo da Reforma Agrária, segundo Seixas Dória em seu governo “inclui-se a revisão agrária [...] Dedicar-me-ei com especial interesse, na recuperação econômica, assegurando o preço mínimo a produção e facilitando seu transporte para os centros consumidores” (*Gazeta de Sergipe*, 27 de outubro de 1961).

Segundo o periódico em questão apesar da candidatura de Dória se dar como certa, Leandro Maciel e Luiz Garcia ainda tentaram aproximação com o candidato, pois “a única solução para UDN sergipana” era o afastamento de Dória do pleito eleitoral. Ao negar a proposta de Maciel e Garcia, Seixas continuava firme em seus propósitos que “caracterizavam a sua candidatura como coisa nova para Sergipe” (*Gazeta de Sergipe*, 1961:1).

Leandro Maciel, durante o mandato de 1955-1959, por diversas vezes foi chamado de impopular, prepotente, desse modo a GS tinha que apresentar uma imagem diferente da “esperança” de Sergipe, de modo que facilmente se encontrava a denominação de Seixas Dória como sendo o candidato das *forças populares*.

A campanha de Seixas Dória percorreu todo o interior sergipano e era julgada como “Alta e Educativa” e tendo no povo seu maior exponencial de apoio. Um exemplo de a iniciativa popular estar ligada à candidatura foi a recepção de Seixas ao chegar ao aeroporto Santa Maria em 30 de setembro de 1961, de acordo com o diário, o candidato foi ovacionado e carregado nos braços pelo povo.

Toda a propaganda e apoio oferecidos por Orlando Dantas através de seu veículo de informação deram resultado, de modo que, Seixas Dória venceu as eleições com 67.514, contra os 58.825 votos⁵⁷ recebidos por Leandro Maciel e o “esquema” para eleger Seixas Dória funcionou. Ao fazer um levantamento dos editoriais e notícias relacionados ao governo Seixas Dória na *Gazeta de Sergipe*.

⁵⁷ Informação retirada do artigo: Seixas Dória, Um gênio da palavra. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=123251>, acessado em 04/05/2012.

Percebemos que esse veículo de informação definia o governo Dorianiano como sendo um exemplo de honestidade, clareza nas contas pública e coragem.

O PODER DA IMPRENSA E O GOVERNO DE SEIXAS DÓRIA

A imprensa é um órgão capaz de elevar ou destruir um governo a depender da situação que se coloca diante dele. Durante a administração de Leandro Maciel o jornal *Gazeta de Sergipe* fazia as mais diversas críticas, posicionando-se sempre contrário ao governante, fato que refletiu durante as eleições de 1962, quando o mesmo é derrotado por Dória. Com a eleição de Seixas Dória – vitória fruto do “esquema” montado na redação da GS -, o jornal toma outra posição diante da administração de Dória. Este era frequentemente ovacionado pela *Gazeta* a qual mostrava sua administração como um exemplo para a sociedade e para os ex-governantes.

Nas manchetes que envolviam Seixas Dória não era difícil encontrar adjetivos como: *coragem, honestidade, exemplo a ser seguido, homem forte*, *cauteloso*, entre outros que o edificavam enquanto um dos *melhores* (segundo o periódico) governadores que Sergipe já teve. A vitória de Dória teria sido (para o periódico) uma conscientização do povo que clamava por um novo modo de fazer política, ansiando por melhorias no campo socioeconômico.

Nos primeiros meses do seu governo era comum serem publicadas matérias sobre as eleições, em maio de 1963 a vitória de 1962 é definida da seguinte forma:

A sua **vitória espetacular, não adveio dos recursos financeiros** que fluíram das bolsas dos contraventores, **mas da consciência política do povo, cansado, torturado pelas injustiças**, pelas misérias, por essa falsa liberdade de morrer aos pouquinhos de fome. Essa vitória não poderá ser de Pirro, mas dos sergipanos. Está em suas mãos garantir a unidade do seu governo a ação pronta, bemfazeja (sic), capaz de reduzir os desgastes sofridos e, partir para aquele **destino que abriu ao nosso povo, de realizar um governo progressista, honesto, patriótico, enérgico, justiceiro**. (*Gazeta de Sergipe*, 21 de maio de 1963: 2 – grifo nosso).

Essa ligação do administrador público com o povo é enfatizada em grande parte das notícias publicadas na GS fazendo com que houvesse uma representação positiva do governador para com a sociedade, desse modo as classes populares aparecem a todo o momento como apoiadora desse governo, no dia 3 de maio de 1963 temos a seguinte manchete: “Trabalhadores dispostos a formar suporte popular do governo”.

Quando o Governador viaja para resolver quaisquer situações referentes a sua administração os jornalistas da Gazeta faziam questão de enfatizar sua ligação com o povo, em uma de suas viagens para o Rio de Janeiro para sanar problemas referentes à saúde eis o que a GS publica: “Hoje chegarão do Rio 30 mil doses de vacinas contra a paralizia(sic) infantil, enviadas pelo governador Seixas Dória, que em Guanabara se dedica à solução dos problemas imediatos da nossa gente.”

Além de mostrar que o governo estava sincronizado com o povo, era evidente a necessidade de enfatizar a ligação sociedade-governo. Mostrando que o povo estava sentindo-se satisfeito em manter esse diálogo não só com Dória, como também com as reformas de base – um dos pilares da campanha Dorianiana – uma máxima dessa afirmativa é a notícia de 10 de maio referente à visita da Frente de Mobilização Popular⁵⁸ a Sergipe:

Grande multidão concentrou-se ontem no Centro Operário de Sergipe, para ouvir as palavras dos caraveneiros da Frente de Mobilização Popular [...] Todas as camadas populares estavam representadas na multidão que abarrotou o salão de festas do Centro operário. (Gazeta de Sergipe, 10 de maio de 1963: 1).

Era importante tanto para o jornal quanto para o governo que a sociedade percebesse a importância e além de tudo o apoio por parte das classes trabalhadoras às Reformas de Base, mostrando principalmente que estas estavam pautadas na democracia:

Hoje o **sistema democrático** anda aos **impulsos de suas greves** de suas atitudes **políticas pelas reformas de base, com a presença do povo nas praças públicas**, não obstante os gritos dos conservadores reacionários, atrabiliários, [...] Democracia só funciona sob pressão. Reformas só se processam pela força das lutas populares. Ninguém cede privilégios sem lutas, é da essência do sistema. (Gazeta de Sergipe, 25 de maio de 1963: 2 – grifo nosso)

O desenvolvimento econômico do estado era algo pontual no periódico, mostrando também que o administrador era aberto a discutir seu planejamento com os outros políticos:

Governo convoca Deputados para debater planejamento. [...] O governador Seixas Dória, segundo revelou aos seus auxiliares imediatos está convencido de que é inadiável a adoção de medidas concretas visando o planejamento do desenvolvimento econômico do Estado, sem o

⁵⁸ De acordo com Ruy Mauro Marini in: Jorge Ferreira (2004), disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882004000100008&script=sci_arttext, a Frente de Mobilização Popular foi um “parlamento das esquerdas”, e “ali estavam reunidas as principais organizações de esquerda que lutavam pelas reformas de base. A FMP esforçava-se para que João Goulart assumisse imediatamente o programa reformista, sobretudo a reforma agrária, mesmo à custa de uma política de confronto com a direita e os conservadores, incluindo o Partido Social Democrático — PSD. Ao mesmo tempo, procurava se impor como força viável às reformas diante das posições do PCB, interpretadas como moderadas”.

que haverá condições para a realização de uma profícua obra administrativa." (*Gazeta de Sergipe*: 21 de maio de 1963: 1)

Além do desenvolvimento econômico, com a criação do Banco de Fomento, o periódico deixa claro que Dória preocupava-se também com o social uma vez que, constrói a *Cidade dos Menores, Cidade dos Funcionários*⁵⁹, buscando com isso diminuir as disparidades sociais, bem como organizar um local onde os menores abandonados pudessem ter assistência social, médica e educativa.⁶⁰

A GAZETA E O GOLPE CIVIL-MILITAR

A primeira manchete da *Gazeta de Sergipe* após o golpe descreve o clima instaurado que era de apreensão, dúvida e medo. Alguns jornais foram fechados, a exemplo da *Folha Popular*, as emissoras de rádio foram controladas e o governo decidiu que apenas dois diários continuariam circulando: o *Diário Oficial* e a *Gazeta de Sergipe*, sendo que esta estaria subjugada a censura prévia.



Figura 1: multidão se aglomera na Rua João Pessoa (centro de Aracaju), ansiosa para saber o que se passava em Sergipe e no Brasil. Foto: *Gazeta de Sergipe*, 02 de abril de 1964.

⁵⁹ Hoje esses locais são os bairros Luzia e Grageru, respectivamente.

⁶⁰ Informações encontradas em: *Cidade dos menores* – *Gazeta de Sergipe*, 20 de dezembro de 1963: 2.

De acordo com Paulo Brandão⁶¹, a partir do dia 01º de abril de 1964 “chegou um major comandante do 28º Batalhão de Caçadores e avisou que a edição daquele dia estava apreendida”, embora a primeira edição tenha sido confiscada o jornal continuou a circular a partir do dia 02 de abril. Em entrevista concedida à autora, Paulo Brandão recorda ainda que, várias pessoas que faziam parte do corpo jornalístico da GS foram detidas, dentre elas Luiz Antonio Barreto, Nino Porto, Ariosvaldo Figueiredo, Pascoal Maynard, esses jornalistas foram levados à prestar depoimentos em relação ao seu posicionamento político e atividades dentro e fora do jornal. Para Ibarê Dantas (1997), a GS não foi fechada em 1964 devido ao alcance que exercia na sociedade, sendo assim utilizada para disseminar os feitos militares.

A partir de então estava instaurada a censura dentro do jornal, com a presença constante do censor Major Raul. Os ex-jornalistas Luiz Antonio Barreto e Paulo Brandão fazem uma descrição do censor, de acordo com ambos, o Major era “uma figura execrável, um maníaco, beberrão”, que por vezes antes de chegar à redação passava nos bares circunvizinhos e de lá seguia para o jornal com arma em punhos para intimidar os jornalistas da *Gazeta*.

Os fatos relatados pelos ex-jornalistas são deveras interessantes, principalmente por dar a possibilidade de entender a despreparação dos censores, de modo que o major Raul, por exemplo, ordenava a publicação das matérias mais absurdas possíveis. Brandão recorda uma ocasião na qual houve uma chuva muito forte ocasionando a queda de algumas casas na BR 101 e o major supracitado manda o jornal publicar uma notícia incriminando o ex-governador Seixas Dória.

Este não foi um fato isolado. Não era raro o major Raul mandar publicar manchetes exorbitantes e fatos inexistentes, foi o caso da notícia publicada em junho de 1964, na qual mandaram escrever em caixa alta o título “*Brasil vence sozinho a União Soviética com a dor de seus filhos*”, o jogo nunca tinha ocorrido e esse fato foi o “estopim” para a saída do major Raul da censura ao jornal, pois como relatou Paulo Brandão:

Meu avô estava afastado do jornal naquele momento, meu tio Hélio, que era novo na época, tinha voltado do Rio, tinha servido o exército no Rio, era oficial de reserva, ele tinha se afastado, mas conhecia a macacada toda, ai foi lá falar com o major Silveira, foi lá e levou o jornal, ai ele chegou e disse: “comandante, eu vim mostrar isso aqui”. Ai o major Silveira leu e disse: “E jogaram?” Ai ele disse: “exatamente, eu vim aqui saber o placar, porque o Major Raul mandou botar isso ai, mas não disse o placar”, ai o major Silveira decidiu que a partir do outro dia ia fazer a censura

⁶¹ Ex-jornalista da *Gazeta de Sergipe* e neto do fundador desse jornal, Orlando Dantas, em entrevista concedida a autora em 16/03/2012

pessoalmente, então o major não foi mais lá. E o major Silveira fez um acordo, hoje eu posso dizer, mas na época não se podia falar. Ele disse: “Olhe, vamos fazer um acordo. Eu não quero estar aqui enchendo o saco de vocês e nem quero vocês me enchendo, então faz assim o que estiverem com dúvidas não publiquem, certo? E eu deixo ai com vocês, mas vejam, por quê senão a gente vai ter que vir.

A partir de então, começou a se praticar a autocensura no jornal e as notícias eram selecionadas com o maior cuidado possível e na dúvida a “decisão deveria ser pelo lápis vermelho”, pois por maiores cerceamentos que houvesse era preferível publicar o que era ordenado ao ter o jornal fechado.

A influência e as relações de Orlando Dantas no meandro político em Sergipe, bem como a posição do seu filho Hélio Dantas, foram fundamentais para que o jornal não fosse censurado totalmente. No entanto, a regra do “ou publica, ou fecha”, era válida também para eles, caso o corpo jornalístico e seus colaboradores fugissem à regra, certamente seriam punidos.

Entretanto, vale ressaltar que o título advogado para si de “combativo”, vai se perder durante os anos em que o Brasil ficou sob a Ditadura Militar. Seixas Dória, antes defendido e ovacionado nas edições da *Gazeta de Sergipe*, torna-se esquecido pelo meio de comunicação após a sua prisão e cassação. É evidente que esse fato se dá devido à proibição dos termos a serem publicados e à presença de censores dentro da redação, todavia, nota-se uma rápida transformação do perfil político e ideológico do periódico, que tratou de se adequar rapidamente aos moldes do Regime.

O AI -5 E A GAZETA DE SERGIPE: MUDANÇAS, CONTINUIDADES E EVENTOS

Diferente dos outros AI's, que foram criados como uma medida emergencial, o AI-5 foi instaurado para defender os ideais da “Revolução”, ele não era efêmero, mas permanente. A imprensa foi cerceada de todas as maneiras, nada que maculasse a imagem do governo militar poderia circular. Jornais, revistas, tiveram suas redações fechadas, as que continuaram abertas tinham a presença diária e obrigatória de um censor, que enviava instruções via telefone, bilhetinhos ou até mesmo *in loco*. No entanto, mesmo cerceados da sua liberdade os jornais utilizavam-se de outras formas para romper com as inserções e interdições pontuais dos “Anos de chumbo”.

Após a instauração do AI-5, a GS só pronunciou-se a respeito em 01º de janeiro de 1969, antes disso apenas publicou o ato na íntegra no dia 14 de dezembro de 1968, mas sem manifestar-se em relação

ao mesmo. No dia 1º de janeiro, no entanto, lança um editorial um tanto contraditório, pois ao mesmo tempo em que critica o cerceamento da liberdade, de maneira bem sucinta, é verdade, elogia o ato denominado então de “revolucionário”. Inicialmente diz que a disciplina foi imposta em 1964 “impregnada pelo ranço udenista, como filosofia de vida política” (*Gazeta de Sergipe*, 01 de janeiro de 1969: 3), alegando ainda que as Forças Armadas tomaram tal posição devido à desorganização política dos Estados. O editorial é finalizado enaltecendo a decisão do Exército, pois para o periódico, “as Forças Armadas assumiram perante 90 milhões de brasileiros a responsabilidade de impor uma disciplina saudável através de reformas estruturais de sua administração pública e privada” (*Gazeta de Sergipe*, 01 de janeiro de 1969: 3).

Ainda de acordo com a GS a atitude tomada pelos militares deu-se em decorrência da responsabilidade nacionalista:

Essa responsabilidade será completa com uma **filosofia de fundo nacionalista** sem exacerbações jacobinas, porém firmemente ajustada às realidades brasileiras. Toda segurança nacional será montada numa estrutura **política nacionalista**, trabalhada pela consciência histórica de que nenhuma Nação se organizou às custas de outras, mas sobretudo pela decisão do seu povo. Outras não poderiam ser as perspectivas para 1969 deste jornal coerente com sua tradição de luta pela independência e progresso do povo brasileiro. (*Gazeta de Sergipe*, 01 de janeiro de 1969: 3 – grifo nosso).

Quando um discurso é analisado deve-se ficar atento muito ao que se repete ao invés de focalizar palavras utilizadas esporadicamente. Na maioria dos editoriais e manchetes, nota-se a constância da palavra nacionalismo, tanto antes, quanto após o Golpe de 1964. Tendo seu apogeu na década de 1950, após a Segunda Guerra Mundial, o termo nacionalismo sofreu diversas mutações e, de acordo com Eric Hobsbawm (2002), esse conceito “sofreu uma mutação: de um conceito associado ao liberalismo e à esquerda, para um movimento da direita chauvinista, imperialista e xenófoba” (2002: 144). Dessa forma podemos enquadrá-lo no caso brasileiro, pois a partir de 1956 o nacionalismo passa a ser voltado para o espectro político das esquerdas, o que é acentuado com a chegada de João Goulart à presidência.

O nacionalismo do governo Jango é definido como *Nacional Reformismo*, visando a melhoria das condições sociais das classes populares, pois de nada adiantaria o desenvolvimento econômico se este não chegasse ao povo. De acordo com Charles Domingo (2009), em artigo publicado na Revista *Anos 90*, “o povo, nesse momento se torna o elemento definidor do nacionalismo”, pois a nação já estava constituída. Segundo Lucília Delgado (2007) uma das responsáveis por essa mudança no conceito do nacionalismo, principalmente por incrementar e ser favorável às Reformas de Base foi a Frente Popular

Nacionalista (FPN), pois exerceu um papel importante na “difusão de teses nacionalistas, reformistas e desenvolvimentista, tanto nos poderes Executivo e Legislativo federais, como também na sociedade civil” (2007: 373).

Enquanto o nacionalismo no governo Goulart clamava um caráter nacionalista-reformista, pugnando a interferência do Estado na realização de reformas sociais, políticas e econômicas, visando a emergência dos setores populares, o nacionalismo ditado pelos militares estava ligado ao nacional-desenvolvimentismo, buscando a instalação de indústrias, multinacionais, ampliando assim o capital do país, não preocupando-se com o bem-estar social, nem com a manifestação dos setores populares. O discurso elegido pela *Gazeta* é, portanto, do conceito nacionalista ligado ao nacional reformismo e não ao nacional-desenvolvimentismo do Governo Militar.

O jornal soava a todo tempo contraditório, pois em 1964 convida o povo a lutar pelas reformas de base e contra o processo antidemocrático que poderia ser instaurado no Brasil (*Gazeta de Sergipe, 01 de janeiro de 1964: 4*), e continua defendendo isso mesmo após o golpe, em 1968 entende – o que agora chamam de “Revolução” -, como um processo “historicamente sereno, brando, não obstante as lutas sangrentas dos ‘praieiros’ de Recife [...]. **Atualmente se desenvolve sem a participação do povo, mas pela contradição das próprias forças militares no Poder**, desde 1964” (*Gazeta de Sergipe, 8 de janeiro de 1969: 2* – grifo nosso), enfatiza o não envolvimento popular com esse novo modo de fazer política no Brasil, mas não busca fazer um diálogo com o povo como fazia nas edições anteriores a 1º de abril de 1964.

Entretanto, há de observar-se que as denúncias contra a corrupção não cessam. É como se fizessem um misto de críticas governamentais com certos elogios ao comando militar para que não fosse levado o fechamento do periódico, vale ressaltar, todavia que essas críticas eram ao Governo Estadual, não foram encontradas críticas diretas ao Governo Federal. Em relação à corrupção o diário alega que, “Os corruptos (sic) sempre viveram acastelados nos Poderes públicos e jamais foram apagados em 64. Agora o povo espera embora desconfiadamente que o governo Costa e Silva não falte a essa medida oportuna” (*Gazeta de Sergipe, 08 de janeiro de 1969: 2*), vale ressaltar que nesse momento faziam parte do quadro governamental o administrador público Lourival Baptista e no quadro de Deputados o Luiz Garcia, veementemente acusado pela *Gazeta* de desvios de verba pública quando fora governador de 1959 a 1963.

De acordo com o periódico o problema com a corrupção foi abafada em 1964 devido “**a preocupação com os ‘subversivos’**”, pois “**era do interesse dos corruptos que tudo fizeram para**

fortalecer a crença nos males do país decorrentes da ação dos ‘subversivos’” (*Gazeta de Sergipe*, 9 de janeiro de 1969: 3 – grifo nosso), fazendo com que **“os responsáveis pela corrupção (sic), arbítrio, violências, crimes de todas as naturezas ficaram impunes e continuam no domínio da política estadual até hoje”** (*Gazeta de Sergipe*, 9 de janeiro de 1969: 3 – grifo nosso).

Em diversos momentos os atos subversivos são vistos, como uma maneira de inibir os desvios de conduta dos governantes, desse modo anunciam no editorial *Reforma das estruturas* o seguinte:

Em 1964 ocorreu um movimento militar que ao assumir o Governo da República, tentou imprimir um cunho novo nas estruturas administrativas e econômicas do País. Os esforços perderam-se diante das resistências opostas pelas classes dominantes nas suas mais diferentes modalidades. Desviadas as atenções para a “subversão”, como o perigo imediato do comunismo tomar conta do País, as verdadeiras causas da crise brasileira ficaram impunes. E a impunidade favoreceu os responsáveis pela corrupção e o crescimento das negociatas e dos peculatos. (*Gazeta de Sergipe*, 25 de janeiro de 1969: 3).

Interessante observar também que mesmo com as intermitências sofridas pela *Gazeta de Sergipe* decorrente do AI-5 a mesma qualifica-o como **“o instrumento legal que assegurará meios de punição dos ladrões e peculatórios”** (*Gazeta de Sergipe*, 25 de janeiro: 3).

“FOGO NA GAZETA” – MEMÓRIAS DE UM CORPO EDITORIAL

Mesmo após a sua postura favorável aos militares o discurso de ódio de um aparelho que antes era tido como socialista ainda estava presente. Segundo Paulo Brandão, ex-jornalista do periódico, em entrevista concedida à autora, a partir de 1968 surgiu uma espécie de comando pichando a sede do jornal com as palavras: “Toca fogo na gazeta”. E assim, na madrugada do dia 13 de janeiro de 1969 aconteceu o episódio fatídico, puseram “fogo na Gazeta”. Poucas foram as fotografias encontradas do incêndio na clicheria da GS, essa abaixo saiu na edição do dia 15 de janeiro, embora de baixa qualidade, dá para perceber a situação na qual ficou a clicheria.



Figura 2: O que restou da clicheria, em foto publicada pela *Gazeta de Sergipe*. Fonte: *Gazeta de Sergipe*, 15 de janeiro de 1969.

De acordo com editorial do dia 15 de janeiro:

Pertence à história de Sergipe o slogan – Fogo na Gazeta – cantando em verso e em prosa por certos grupos políticos que inconformados com a nossa pregação contrária à corrupção, à violência, ao arbítrio, contravenções fiscais e crimes de homicídios reagiam de forma eloquentemente adequada aos métodos conduzir seus partidos. Há menos de um ano na frente do prédio deste matutino, apareceu escrito – Fogo na Gazeta – demonstração do desejo ardente do referido grupo político em conseguir o nosso desaparecimento como órgão da imprensa sergipana. Sempre encaramos essa possibilidade com ânimo esportivo destemerosos de sua realização. No entanto, hoje nos confessamos rendidos à evidência dos fatos. O incêndio se processou no domingo entre 23 e 24 horas, dia escolhido para as operações suspeitas segundo os especialistas seguradores. Até porque, incêndio por curto circuito não escolhe dia, acontece. Perdemos a clicheria, mas iremos adquirir outra. O nosso arquivo continua guardando os fatos registrados diariamente da vida política social e econômica do Estado. Talvez que muita gente comprometida em acontecimentos nebulosos, complicada em crimes em enriquecimento ilícito em tráfego de influências, deseje vê-lo desaparecido. Mas saberemos defendê-lo para que a história não perca documentação de tal porte e essencial a reconstituição de épocas que se distanciam e que muitos servem à experiência de futuras gerações.
(*Gazeta de Sergipe*, 15 de janeiro de 1969: 3).

O prédio no qual ocorreu o episódio ficava localizado na Av. Rio Branco, nº316, onde hoje funciona um estacionamento ao lado das lojas Huteba. De acordo com o ex-jornalista Paulo Brandão, os primeiros a chegarem à redação foram ele e o seu irmão Renato Brandão, ambos netos de Orlando Dantas, de lá foram até à cidade de Capela contar o ocorrido ao proprietário do jornal:

Eu me lembro, eu estava com meu irmão, meu avô estava na usina em Capela, aí meu irmão foi lá, aí meu irmão foi dirigindo até Capela. Aí ele chegou lá e disse: “meu avô, lembra daquela história toca fogo na *Gazeta*?” Aí ele disse sim, por que? Meu irmão respondeu Tocaram fogo mesmo. (risos) O pessoal era bem humorado, apesar de tudo. (Entrevista do ex-jornalista Paulo Brandão, concedida em 17/03/2012)

O informe sobre o incêndio na sede jornalística nos diz que o primeiro a perceber o incêndio foi o guarda noturno da GS que pediu para que o proprietário do bar frequentado pelos “gazetenses” ligasse para o corpo de bombeiros, que atendera a ocorrência de imediato, encerrando o fogo “às 23:30hrs”. De acordo com o jornal, tudo levava a crer que o incêndio teria sido criminoso uma vez que:

De início está afastada a hipótese de um curto circuito, vez que, se isto tivesse acontecido a chave geral apresentaria fios queimados, o que não ocorre. [...] De concreto, podemos afirmar que o fogo grassou pelo telhado e somente a caída deste ao solo é que provocou os estragos maiores na clicheria. (*Gazeta de Sergipe*, 15 de janeiro de 1969: 8).

Além disso, acreditava-se em incêndio criminoso devido ao achado de alguns objetos suspeitos e de uma janela quebrada justamente no local do incêndio:

No assoalho da clicheria, foram encontradas intactas uma lata de querozene (sic) e um boião (sic) de ácido nítrico, usado para se fazer clichés(sic). Ressalte-se, ainda que o segundo Delegado da Capital bel. Costa Cavalcante, responsável pelo inquérito, encontrou uma janela aberta que poderia ter sido arrombada, num prédio vizinho, dando justamente para o local do incêndio. Isso leva a crer num ato de sabotagem que só o inquérito policial poderá confirmar, ou não. (*Gazeta de Sergipe*, 15 de janeiro de 1969: 8)

Ao longo das edições dos meses seguintes não encontramos notícias concernentes ao fato, apenas uma pequena piada na seção *Humor GS*, que mencionava o ocorrido:

- Finalmente, tocaram fogo na Gasetta (sic) com álcool ou com gasolina?
- Com raiva!...⁶²

Embora na maioria das vezes a *Gazeta de Sergipe* fosse a responsável por investidas contra os grupos políticos do Estado, também era vítima de algumas denúncias. Ainda em janeiro de 1969 há o caso do radialista Silva Lima que caluniou o Sr. Orlando Dantas através do seu programa na Rádio Liberdade. Como não temos fontes suficientes é impossível localizarmos o que foi dito do Diretor do jornal e não podemos afirmar até que ponto o radialista estava certo. De acordo com a notícia publicada no jornal do dia 30 de janeiro de 1969, Silva Lima fora condenado a ausentar-se dos microfones no período de quatro meses, tanto em sua emissora, quanto nas outras. Para que pudéssemos ter uma melhor visão do caso foi buscado o processo no Tribunal de Justiça de Sergipe, no entanto, o mesmo não consta no acervo.

De acordo com depoimentos colhidos pelo professor Sérgio Borges para o documentário *Silva Lima: Uma memória Radiofônica* (2003), o radialista era uma figura que “gerava amor e ódio na mesma

⁶² Retirado da edição número 3.796 do dia 09 e 10 de março de 1969: 2

proporção”, através de seu programa *Informativo Cinzano* que tinha o slogan “As primeiras notícias da tarde de hoje a as últimas da manhã que passou”, o locutor era bastante crítico e pugnava diversas denúncias contra autoridades sergipanas. O informativo ia ao ar às 12:30h e de acordo com Nadja Araújo em Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Fundação Oswaldo Cruz em 2006, o Cinzano funcionava:

Como uma espécie de revista radiofônica, onde o locutor Silva Lima adquiriu status junto à população e as autoridades. Os microfones da Liberdade funcionavam como uma tribuna popular, com informes, denúncias e debates, que se prolongavam por dias a fios. (p. 12)



Figura 2: *Radialista Silva Lima*. Fonte: Acervo do jornalista Paulo Brandão. Retirada da Internet

Nos jornais pesquisados não há registros do que o radialista falou sobre o Diretor do periódico, na tentativa de encontrar informações na sede da Rádio, que funciona nos dias atuais, foi feita uma visita a Rádio Liberdade e também lá não foi possível localizar os documentos, pois de acordo com o Diretor atual do meio de comunicação, o Sr. Otacílio Leite, a instituição não possui arquivos, tendo documentos apenas recentes (2007 em diante), pois não havia a prática de guardar gravações, nem documentos. As únicas informações encontradas sobre a Rádio Liberdade foram obtidas através da coluna no site Infonet do Jornalista e radialista Cláudio Nunes, que conta um pouco da história da Rádio Liberdade:

Em Sergipe a coligação PSD/PR tinha conseguido eleger Arnaldo Garcez para suceder José Rollemberg Leite no governo estadual. A UDN – União Democrática Nacional -, cujo líder máximo era Leandro Maciel, precisava de uma emissora de rádio para fortalecer sua candidatura nas eleições de 1954. (Informações retiradas do site do Jornalista Cláudio Nunes disponível em: <http://www.infonet.com.br/claudsonunes/ler.asp?id=133489>, acessado em 01 de outubro de 2012, às 15h)

O responsável pela sentença do radialista foi o juiz Lauro Pacheco. Segundo o periódico, as investidas contra o Sr. Orlando Dantas se davam em decorrência das denúncias promovidas contra a Rádio Liberdade nos crimes de defloramento, enriquecimento ilícito, contravenções fiscais, que estavam presentes naquela emissora desde o governo de Leandro Maciel. Vejamos o que é dito pelo jornal sobre a rádio em questão:

Montada no governo Leandro Maciel que subiu ao Palácio Olímpio Campos em 1955, através de meios escusos, na maior fraude eleitoral da história política do Estado, se constituiu, de logo, em instrumento de ataques pessoais. Quando, doze anos atrás, surgiu a GAZETA, sob a direção do jornalista Orlando Dantas, tempos após a Rádio Liberdade encetou campanha pessoal contra nosso diretor, ao ponto da direção do semanário A CRUZADA ter empreendido um movimento de protestos que ecoou na sociedade. Cessada a campanha, decorrido um período de silêncio, novamente outra campanha estourou violenta e pessoal. É preciso considerar que este matutino, sempre cuidadoso com o caráter pessoal, só denunciava fatos como crimes de assassinatos, contravenções fiscais, defloramentos em empresas dos diretores da Rádio referida, enriquecimento ilícito. O espancamento de um sargento da Polícia militar em plena rua da cidade, a presença de 50 pessoas comandadas pelos diretores da Rádio no Quartel da Polícia militar arrancando das mãos do Comando os presos que espancaram o referido Sargento, o crime monstruoso de Litinho, os defloramentos alarmantes de empregadas das empresas Albino Silva da Fonseca, as evasões de impostos nas áreas federais, estadual e municipal, sempre foram motivos de protestos silenciosos de muitos. Nunca, porém, este matutino guardou conveniências diante desse poder de dominação que se organizava à sombra do governo Leandro Maciel, tanto em riqueza material como pelo pavor despertado em face dos crimes de mortes cometidos. As nossas denúncias sobre a presença de bujões de gás no segundo trecho da rua de Laranjeiras, com riscos evidentes para a segurança pública, de paz com os pistoleiros postados na porta do estabelecimento do grupo da Rádio Liberdade, eram aceitas pelo povo diante de fatos incontestes. Nesse roteiro é que nos situamos como defensores da sociedade ameaçada por um grupo de criminosos, assaltantes do tesouro estadual e municipal e que jamais pagando devidamente o Imposto de Renda podesse (sic) justificar a compra de propriedades urbanas e rurais além de bens de consumo. Há dias, porém, a referida Rádio entendem de voltar aos ataques caluniosos ao nosso diretor, desrespeitando a decisão do eminente Juiz de Direito desta Capital dr. Lauro Pacheco. E como é preciso desmascarar a direção dessa rádio, dirigiu o ofendido ao Delegado da Polícia Federal ofício solicitando abertura de inquérito para apurar os fatos denunciados em dias diferentes e do conhecimento público. (*Gazeta de Sergipe*, 13 de março de 1969: 3).

Com o resultado da sentença favorável ao grupo da *Gazeta de Sergipe*, percebemos quão influente era o Orlando Dantas e mesmo se dizendo democrático e com aspirações ao socialismo até meados de 1964, logo muda o seu posicionamento, colocando-se à serviço dos militares. A discussão empreendida por ambos se dá num mesmo contexto situacional político, no qual os dois apresentam, (em momentos distintos), o papel de locutor e interlocutor. Quando um dos meios se pronuncia em relação ao outro, traz para si a incumbência de locutor, ou enunciador, fazendo com que o receptor da notícia, o grande público ou até mesmo o atingido, seja capaz de produzir um juízo sobre o que lhe foi passado. De acordo com Patrick Charaudeau & Dominique Maingueneau (2008), o receptor sofre influência do que é lhe

passado através do enunciado, produzindo um discurso favorável para um dos lados. Sendo assim, dá-se para entender que os escritos do jornal e as emissões orais feitas pelo radialista Silva Lima estavam impregnados de significação, para que assim o receptor acabasse por escolher um dos lados, aquele que houvesse uma maior identificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Gazeta de Sergipe*, assim como a grande parte dos veículos de comunicação do Brasil, sofreram intermitências, apesar de não ter sido completamente fechada foi podada e levada a publicar as notícias positivas a respeito do Governo Militar. Dentre os jornalistas entrevistados para tentar perceber como se deu a censura dentro daquele veículo de comunicação ouve-se Clara Angélica Porto, que ingressou no jornal aos 17 anos, em 1964. De acordo com a entrevistada a GS desempenhava um papel muito importante na política sergipana, principalmente através da coluna *Informe GS* escrita por Orlando Dantas e Nino Porto.

Vida Social era a coluna escrita pela jornalista enquanto esteve na *Gazeta*, tratava das trivialidades da vida aracajuana, festas, casamentos, shows e os bailes que aconteciam nos clubes de Aracaju, ficava localizada ora na segunda página, ora na quarta ou quinta. Assuntos como política, educação e economia dificilmente eram tocados na coluna. A colunista é substituída durante vinte um dias, mas não por conta de censura política e sim por conta de uma viagem ao Rio de Janeiro, como relata Leilinha Leite, substituta da Clara Porto, “Meus Queridos Amigos: mais uma vez substituo a nossa Clara Angélica. Uma garota muito “gente jovem”, que agora se encontra na cidade mais linda e feiticeira do mundo: o Rio de Janeiro” (*Gazeta de Sergipe*, 23 de janeiro de 1969: 5). Durante o tempo que passou na GS Leilinha Leite, continuou tratando das trivialidades sergipanas, casamentos, aniversários, jantares no late Clube, moda e os bailes dançantes que ocorriam na Associação Atlética.

Em 13 de fevereiro de 1969, Clara Angélica retorna ao jornal e relata sua estadia na Guanabara, “E eis-me aqui outra vez, nesta terrinha querida, depois de alguns dias fora, retomando este contacto diário com vocês, leitores de <<GS>>. A gente sai um pouco de Aracaju, dá uma volta, por aí, em um lugar encantado como a Guanabara” (*Gazeta de Sergipe*, 13 de fevereiro de 1969). Ao contrário da *Vida Social*, a *Informe GS*, escrita por Nino Porto e Orlando Dantas tinha um tom mais politizado, criticando

determinações de alguns órgãos do governo, exemplo disso é uma nota sobre uma deliberação da Superintendência Nacional de Abastecimento (SUNAB):

A decisão mais demorada que já se viu em nossa Capital é essa do Grupo de Trabalho criado para estudar o preço do cafezinho, média e copo de leite nos bares da cidade. Se não nos falha a memória, há mais de sessenta dias que essa Comissão vem “trabalhando arduamente” para dizer quanto deve custar os produtos acima. Quando, finalmente, tal comissão estabelecer o preço ele já estará caduco. Aí, então, o delegado da SUNAB instituirá novo grupo de trabalho para estudar o preço do cafezinho... **É o círculo viciosa da burocracia nacional...** (*Gazeta de Sergipe*, 09 de janeiro de 1969: 4 – grifo nosso)

No entanto, de acordo com a colunista, ela foi intimada a prestar esclarecimento sobre as suas publicações no jornal. Em entrevista concedida via e-mail⁶³, Porto nos indica que foi pessoalmente censurada pelos militares em janeiro de 1969:

Cheguei a ser presa e indiciada em janeiro de 1969, logo depois da instituição do AI-5 em dezembro de 1968. **Passei um dia inteiro detida no 28 BC**, quando **fui muito humilhada durante o que parecia um interminável depoimento**- tinha apenas 19 anos. **Eles tinham um dossiê meu**, nunca vi nada tão grande, e eu era apenas uma quase menina, uma jovem universitária. Tinham fotos até de mim dançando em festinhas, imagine, eram ridículos. Meu inquisidor, um **Major Bandeira de fartos bigodes, no final, ficou me 'dando conselhos' e, pasme! pediu que me restringisse a escrever sobre eventos sociais e pessoas da sociedade** (ou seja, que fizesse somente coluna social) e que lembrasse dele e da família dele, quase vomitei! **E que eu não esquecesse que minha coluna seria censurada diariamente e só seria publicada se estivesse 'dentro das novas regras'**. Foi um corte abrupto e radical, **pois meu espaço sempre abordava as questões sociais de importância, a desigualdade social do país, as conquistas políticas dos estudantes** (eu era diretora de imprensa do DCE, quando João Augusto Gama foi presidente e muito engajada com a luta social), a revolução existencialista e de costumes no mundo, a luta da mulher por novos espaços, tudo que daquele momento em diante me estava sendo proibido. (Entrevista concedida em 07 de junho de 2012 – grifo nosso)

Após averiguar os jornais e analisar todas as colunas escritas por Clara Angélica desde o seu ingresso na *Gazeta de Sergipe*, percebemos que os fatos políticos, bem como as desigualdades sociais não eram abordadas por Porto, entretanto, podemos entender esse equívoco de memória devido ao que Halbwachs chama de memória afetiva, quando o indivíduo acaba por tomar pra si um fato vivido devido à sua ligação com outros indivíduos que viveram tal momento. Com isso não negar a censura a GS ou à jornalista, pois como bem sinalizou Paulo Brandão, a partir de um determinado momento o que vigora no periódico é uma *autocensura*, isso nos leva a crer que a jornalista pode ter sofrido esse tipo de censura em sua coluna, como ela mesmo sinaliza:

⁶³ A ex-jornalista Clara Angélica Porto, reside em Nova York, por esse motivo houve a impossibilidade de uma entrevista pessoalmente.

Ao voltar para a redação, seu Orlando e Ivan tiveram uma conversa comigo. **Seu Orlando** foi doce e gentil, acredite, ele, que tinha fama de durão, e **disse que ele pessoalmente iria ler minha coluna diariamente, antes de submeter à censura militar**. Fazia isso para me proteger, pois se detectasse qualquer coisinha a mais, ele mesmo cuidaria, para que eu não ficasse à mercê dos gorilas. Seu Orlando era assim, tinha um imenso coração. Então, claro que percebi tudo, mais que percebi, **fui uma das vítimas diretas da ação dos militares na censura da Gazeta. As coisas ficaram assim, censuradas, até quando casei e fui embora do Brasil, em dezembro de 1970. O jornal todo era censurado**. (Entrevista concedida em 07 de junho de 2012 – grifo nosso)

Como é percebido no relato de Porto, por algum tempo o jornal praticou a autocensura e sem dúvida, a influência de Orlando Dantas e do seu filho Hélio Dantas, que pertencia ao Exército foram fundamentais para não existir uma censura direta. De acordo com Luiz Antonio Barreto em entrevista concedida aos 16 dias do mês de março, eles recebiam:

Com muita constância telegramas pedindo para não divulgar, ou mandando não divulgar determinados eventos, por exemplo, a Reunião da SBPC, e uma série de outros eventos, eventos até bobos como por exemplo um jogo de basquete, ou um jogo qualquer que envolvesse Rússia e Brasil ou Rússia e EUA, quando a Rússia perdia então tinha que se dá ênfase. Uma coisa que hoje eu acho pandega, mas era o que existia naquele momento. (Entrevista concedida em 16 de março de 2012)

Nos relatos de Barreto os jornalistas que haviam sido detidos foram Nino Porto (irmão da Clara Porto), Ivan Valença, Ariosvado Figueiredo, José Rosa de Oliveira Neto, além do Orlando Dantas, que fora convidado a prestar esclarecimentos e do próprio Luiz Antonio Barreto. Também de acordo com Paulo Brandão a censura funcionava mais a base da violência, um Major chegava com uma arma e colocava em cima da mesa, para depois começar a perguntar sobre as manchetes a serem publicadas, fazendo com que o camarada coordenador da edição se sintasse subjugado ao censor, ou aos mandos dos militares através de outros meios, em relato Paulo Brandão explica que:

à época não tinha e-mail, nem FAX era Telex, tá? E era uma situação meio estranha, porque repare bem, chegava um agente da Polícia Federal com o telex, né? Para que a gente lê-se dando a proibição de determinada notícia, a gente lia, mas não ficava com cópia do telex, tá? A gente lia assinava atrás que tinha recebido e devolvia, não ficava arquivo, não ficava cópia, não ficava nada. E obviamente aquela época, a gente obedecia. E eu lembro que fui dar uma palestra pra o curso de jornalismo na UNIT e contei aquela história do Major Raul, aí um aluno disse: “Eu não fazia”, no que eu respondi: “Fazia, fazia e perguntava se estava bom, se era assim mesmo.” Porque a época era aquela, o cara chegava com uma 45 em cima da mesa, e você ia sem mais dizer: “Não faço”, não faço uma conversa, pra levar um tiro por cima das fuças? E tava morto e tava morto, mesmo e não acontecia nada com o cara, se ele fosse bonzinho te colocava na cadeia, se fosse bonzinho, se fosse dos mal te dava um tiro e pronto. Na época se não fizesse se dava mal. (Entrevista concedida em 16/03/2012)

O medo imperava naquele momento, fazendo com que a memória dessas pessoas levasse esses fatos ao esquecimento por algum tempo, no entanto com o advento do direito à memória e à verdade esses depoimentos passam a tomar significados e ser revelados. Esse direito à memória vai influenciar de tal modo, que até os viventes após a Ditadura militar, ou aqueles que não sofreram de forma direta as censuras e torturas acabem trazendo para si essa significação, por estar ligado a uma memória afetiva coletiva, vivendo os acontecimentos “por tabela”.

Segundo Beatriz Sarlo (2007), “o passado é sempre conflituoso”, e torna-se ainda mais difícil de lidar com ele quando se faz uma história contemporânea, na qual poucos são os registros e escritos e muitas são as memórias. Pois, a história e a memória acabam entrando em conflito, “porque nem sempre a história consegue acreditar na memória, e a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança” (SARLO, 2007: 9).

A memória é uma necessidade da história, uma vez que é através dela que se pode evocar o passado recente e esclarecer fatos, com isso não se quer fazer uma apologia da verdade, mas de lembranças recentes. Não se pode considerá-la uma verdade, principalmente por ela ser “sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções” (NORA, 1993: 9), sendo assim influenciada pelos acontecimentos da memória coletiva e do grupo ao qual pertence, pois quando o indivíduo vivencia determinados acontecimentos dentro de seu grupo nacional ele acaba vivenciado por tabela, mesmo que através de jornais, ou depoimentos de outrem.

Assim, ao analisar as entrevistas dos depoentes foi levado em consideração que a memória é a produção de um discurso, principalmente do que está sendo vigorado no presente. O que se tem na atualidade é a organização de diversos grupos, nos países da América Latina que presenciaram os governos ditatoriais das décadas de 60 e 70, pelo direito à memória e à verdade a fim de condenar os culpados por torturas, mortes, sequestros. De acordo com Sarlo (2007) esse dever da memória possibilitou que a Argentina condenasse o terrorismo do Estado e “a ideia do “nunca mais” se sustenta no fato de que sabemos a que nos referimos quando desejamos que isso não se repita” (2007: 20).

Desse modo até em lugares que a pouco não se falava em Ditadura Militar, passam a ser desenvolvidos estudos e se inicia uma busca incessante por aqueles militantes e por vítimas da Ditadura Militar. Infelizmente os dossiês dos ex-presos, embora sejam encontrados no Arquivo Público do Estado de Sergipe, que participou do projeto Memórias Reveladas, ainda não se encontram disponíveis para consulta pública o que dificulta no aprofundamento das prisões e detenções dos jornalistas aqui citados.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa - Brasil 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- CARDOSO, Célia Costa. *Movimento: Um jornal alternativo (1975-1981)*. Dissertação (Mestrado em História) – PUC – SP, 1995.
- CARDOSO, Célia C. “Políticos cassados no Estado de Sergipe em 1964”. *Cadernos do Tempo Presente*, v.1, p.01 - 10, 2011.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- DANTAS, Ibarê. *A Tutela Militar em Sergipe, 1964/84: partidos e eleições num estado Autoritário*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Nacionalismo como projeto de nação: a Frente Parlamentar Nacionalista (1956-1964). In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Orgs.). *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 357-376.
- DREIFUSS, René Armand. *1964: A conquista do Estado. Ação Política, Poder e Golpe de Classe*. Tradução: Faculdade de Letras da UFMG. Petrópolis, Vozes, 4ª Edição, 1986.
- FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucília de Almeida (orgs.). *O Brasil Republicano. Livro 4: O tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. Tradução: Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Editora Vértice, 1990.
- JORGE, Fernando. *Cale a Boca, Jornalista! O ódio e a fúria dos mandões contra a imprensa brasileira*. 4. Ed. São Paulo: Vozes, 1992.
- KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI -5 à Constituição de 1988*. São Paulo: Editora Boitempo, 2004.
- MARCONI, Paolo. *A Censura Política na imprensa brasileira (1968 – 1978)*. São Paulo: Global, 1980.
- MARTINS, Flávia; CÔRTEZ, Joana. *Memórias empoeiradas da Gazeta de Sergipe*. Monografia (Bacharelado em Jornalismo) – Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2003.
- NEVES, Lucia Maria Bastos P. MOREL, Marco & FERREIRA, Tânia M. Bessonte da C. (org) *Historia e Imprensa: representações culturais e praticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006
- NORA, Pierre. Entre Memória e História. A problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História*. PUC/USP, Dezembro, 1993.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos*. 6ª Ed. Campinas. SP: Pontes, 2005.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989. P. 3-15
- REIS, Carla D. S. dos. “O papel da imprensa aracajuana durante o Governo Militar: análise da Gazeta de Sergipe”. *Cadernos do Tempo Presente*, V. 6, p. 01-09, 2012.
- RICOEUR, Paul. “O passado tinha um futuro”. In: Morin, Edgar. *A religião dos saberes. O desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado – Cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução: Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte,: UFMG, 2007
SILVA, Luiz Dário. *PSB – O Socialismo Pragmático*. Recife: CEPE, 1989.
SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed..Rio de Janeiro:Mauad,1999.